



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA  
BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)/LÍNGUA PORTUGUESA**

Bianca Aparecida Medeiros

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA SURDA SOB A  
PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS BILÍNGUES: UM ESTUDO DE CASO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Carlos  
2022

BIANCA APARECIDA MEDEIROS

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM CRIANÇA SURDA SOB A  
PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS BILÍNGUES: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao curso de bacharelado em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lara Ferreira dos Santos.

SÃO CARLOS - SP  
2022

## FICHA CATALOGRÁFICA

Medeiros, Bianca Aparecida

O desenvolvimento da linguagem da criança surda sob a perspectiva de profissionais bilíngues: um estudo de caso / Bianca Aparecida Medeiros -- 2022.  
49f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Lara Ferreira dos Santos

Banca Examinadora: Samantha Camargo Daroque,  
Tatiane Cristina Bonfim

Bibliografia

1. Aquisição de linguagem. 2. Instrutor de Libras. 3. Professor Bilíngue de Libras. I. Medeiros, Bianca Aparecida. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de São Carlos,  
como requisito básico para a conclusão do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação  
em Libras/Língua Portuguesa.

Aprovado em: 30 de setembro de 2022.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Samantha Camargo Daroque - UFSCar

---

Profa. Ms. Tatiane Cristina Bonfim - UFSCar

---

Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos - UFSCar (orientadora)

## AGRADECIMENTOS

A jornada até aqui não foi fácil. Em 2017, ao fim de minha graduação em Pedagogia me encontrei em meio a um caos de questionamentos, angústias e inquietações, foi quando em conversa com Deus percebi meu desejo por continuar os estudos na área da surdez, nesse momento, pedi para que Ele me mostrasse um sinal de que deveria prosseguir neste caminho. Foi quando, durante a prova do Enem, me deparei com o tema da redação sobre educação de surdos e então, percebi que estava no caminho certo.

Primordialmente, agradeço a Deus por ter possibilitado mais essa conquista em minha vida e por ter me abençoado com força e coragem durante todo esse percurso acadêmico.

À minha melhor amiga, minha mãe Irma, por toda escuta atenta, pela paciência e principalmente, por sempre acreditar em mim. A você, mãe, dedico essa conquista, todo o meu amor e gratidão.

Ao meu pai, Raimundo, pela companhia em todas as manhãs, pelos cafezinhos que me deram força para aguentar esta jornada e, principalmente, por todo apoio emocional e financeiro.

Às minhas irmãs, Samantha e Simone, por serem meus maiores exemplos de vida, agradeço por todo incentivo e por sempre acreditarem em mim.

Aos meus sobrinhos, Lucas e Luiza, por me mostrarem a leveza e o encanto da vida em meus momentos de maior tensão.

À minha querida orientadora Lara Ferreira dos Santos, por toda paciência, parceria e respeito para comigo. Sem você, este trabalho não teria sido possível.

Por fim, agradeço a todo corpo docente e equipe de tradutores e intérpretes do curso de bacharelado em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa, por todo o ensinamento, paciência para com o meu desenvolvimento na Língua de Sinais, conversas e abraços compartilhados ao longo desses anos.

## **RESUMO**

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como se dá o desenvolvimento da linguagem pela criança surda a partir do discurso de dois profissionais bilíngues: instrutor surdo de Libras e professor bilíngue. Para tanto utilizou-se de uma pesquisa qualitativa com estudo de caso, que foi realizada através de uma entrevista online com dois profissionais da educação bilíngue. Os resultados possibilitaram a compreensão da importância essencial de ambos profissionais em âmbito escolar, os quais auxiliam no processo de aquisição de linguagem, cultura e identidade da criança surda. Contudo, compreende-se que há ainda desafios presentes dentro do âmbito escolar, como a falta de formação específica para ambos profissionais e parceria da família em relação à aquisição da língua de sinais pela criança surda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de linguagem; Instrutor de Libras; Professor Bilíngue de Libras; Surdez; Educação Especial.

## **ABSTRACT**

The present research aimed to understand how the development of language by the deaf child takes place from the speech of two bilingual professionals: deaf instructor of Libras and bilingual teacher, for that, a qualitative research was used with a case study that was carried out through an online interview with two bilingual education professionals. Through this, understood the importance of both professionals in the school environment was understood, helping in the process of acquiring language, culture and identity of the deaf child. However, it is understood that there are still challenges present with in the school environment, such as the lack of specific training for both professionals and the family's understanding of the acquisition of sign language by the deaf child.

**KEYWORDS:** Language Acquisition; Instructor of Libras; Bilingual teacher of Libras; Deaf; Special Education

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2. APORTE TEÓRICO</b>   | <b>11</b> |
| 2.1 DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM   | 11        |
| 2.2 EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS E SEUS ATORES                            | 14        |
| 2.3 SOBRE O INSTRUTOR SURDO E O PROFESSOR BILÍNGUE                       | 16        |
| <b>3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS</b>                                      | <b>23</b> |
| <b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>                                    | <b>25</b> |
| 4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA METODOLOGIA                                 | 25        |
| 4.2 CONTEXTO DA PESQUISA   | 26        |
| 4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA  | 27        |
| 4.4 COLETA DE DADOS  | 27        |
| <b>5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS</b>                                  | <b>29</b> |
| 5.1 A RESPEITO DO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS SURDOS                      | 29        |
| 5.2 AS DIFERENÇAS DE TRABALHO ENTRE PROFESSOR BILÍNGUE E INSTRUTOR SURDO | 32        |
| 5.3 A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA                      | 35        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>39</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>42</b> |
| ANEXOS   | 45        |
| ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO                     |           |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO                               |           |
| <b>APÊNDICE</b>  | <b>49</b> |

## APRESENTAÇÃO

A docência sempre foi, para mim, um objeto de aspiração. Os desafios da área me inspiravam e desde pequena, eu ansiava por estar em sala de aula em interação com os alunos. Foi por esse motivo que ingressei em 2014 no curso de Pedagogia, no qual tive a oportunidade de fazer Iniciação Científica na área da surdez e dessa forma, pude descobrir uma nova paixão.

Durante os anos em que realizei a Iniciação Científica, pude ter maior contato com a língua de sinais e a comunidade surda, foi a partir deste momento que percebi que desejava atuar na área da surdez enquanto professora bilíngue.

Por esse motivo, em 2018 ingressei no curso bacharelado em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e língua portuguesa na UFSCar, tendo como anseio me aproximar ainda mais da área da surdez e das questões pertinentes a educação de surdos. Ainda que não fosse o objetivo do curso, pude refletir sobre questões referentes a metodologias de ensino, aquisição da língua de sinais e sobre o universo da escola bilíngue para surdos.

A vontade de pesquisar questões referentes à escola bilíngue já me dominava quando em 2020 ingressei no mercado de trabalho como tradutora e intérprete de Libras no curso de graduação em Educação Física. Através da experiência prática, pude compreender o que antes era, para mim, apenas teoria. Pude ver a defasagem escolar que muitos alunos surdos têm e, principalmente, suas dificuldades em relação à leitura e escrita do português.

Desse modo, movida pelas reflexões acerca da aquisição da linguagem pela criança surda e sobre a importância do ambiente bilíngue para o seu desenvolvimento, optei por realizar a presente pesquisa, tendo para tanto, foco no trabalho de dois profissionais bilíngues, sendo eles o instrutor surdo e o professor bilíngue de Libras. Existem várias pesquisas que se ocupam em estudar o desenvolvimento de linguagem, no entanto, poucas têm como foco compreender tal desenvolvimento a partir da fala de profissionais que atuam no ambiente escolar bilíngue. Assim, as questões norteadoras dessa pesquisa foram:

- a) Como se dá o desenvolvimento da linguagem pela criança surda a partir da perspectiva dos profissionais bilíngues?
- b) Qual é a diferença entre o papel do instrutor surdo e professor bilíngue?
- c) Quais são os principais desafios existentes no trabalho de ambos profissionais?

Para a realização desse trabalho, foi elaborada a seguinte hipótese: a partir da interação e vivências com profissionais bilíngues imersos em um ambiente adaptado para a aprendizagem do aluno surdo, há o desenvolvimento de linguagem e identidade surda. Assim, o objetivo da pesquisa se caracteriza em compreender como se dá o desenvolvimento da criança surda a partir do discurso de dois protagonistas bilíngues: instrutor de Libras e professor bilíngue, profissionais importantes no processo de aquisição de língua da criança surda.

Para tanto, a presente pesquisa se caracteriza por ser qualitativa tendo como estudo de caso uma entrevista semiestruturada, a qual foi realizada com o instrutor surdo e com a professora bilíngue os quais atuam numa escola bilíngue de Libras no interior do estado de São Paulo. Como referencial teórico, a pesquisa explora os conceitos de língua e linguagem discutidos por Vygotsky (1936) e Bakhtin (1990), além de utilizar autores como Lacerda (2007) e Lodi (2013), que discutem aspectos relacionados à surdez e à educação de surdos.

Desse modo, a presente pesquisa está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo visa-se discutir acerca do desenvolvimento de linguagem, da escola bilíngue e seus atores, e por fim, discutir sobre o papel do instrutor surdo e do professor bilíngue de Libras. No segundo capítulo apresentamos a metodologia do estudo em tela. Já no terceiro capítulo apresentamos a análise das entrevistas realizadas no que se refere ao desenvolvimento da linguagem dos alunos surdos; as diferenças de trabalho entre professor bilíngue e instrutor surdo e, por último, a respeito da participação da família na escola. Por fim, as considerações finais, que objetivam discutir as principais questões levantadas durante todo o trabalho visando colaborar com os estudos já existentes e com os profissionais que atuam na educação de surdos.

## 2. APORTE TEÓRICO

### 2.1 DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM

A aquisição da linguagem na primeira infância é importante e necessária para um desenvolvimento pleno. É através dela que a criança desenvolve seu pensamento, se apropria de conceitos e é capaz de interagir com o mundo. Ao iniciarmos os estudos no campo da surdez, nos faz necessário compreender como ocorre a aquisição de linguagem e qual a sua importância para o desenvolvimento de crianças surdas.

Apesar dos estudos na área da linguística terem avançado muito, ainda temos como referência o estudioso Fernand Saussure, o qual definiu entre 1857 e 1913, os conceitos de língua e fala. Segundo Veçossi (2014), para Saussure a língua e a fala se constituem como objetos da linguagem, dessa forma, acredita-se que a língua se caracteriza por ser um fenômeno coletivo, compartilhado por várias pessoas, no qual um indivíduo por si não conseguiria alterar esse sistema. A fala, no entanto, se constitui como um evento individual, que acontece como algo momentâneo.

Outro ponto importante na teoria de Saussure se refere ao signo linguístico, que para ele é constituído por significante e significado. Segundo Veçossi (2014), ao ouvir uma palavra (significante), o sujeito já tem acesso automaticamente ao seu conceito (significado) e dessa maneira, ocorre o desenvolvimento da linguagem. No caso de pessoas surdas, o mesmo ocorre, no entanto, através da percepção visual da palavra.

Diferentemente de Saussure, Vygotsky compreende a língua como um fato social, pois a linguagem consiste em um sistema simbólico que foi construído na história do homem. Desse modo, a aquisição da linguagem ocorre de maneira natural, pois acontece através do contato entre pares. Nos baseamos neste autor, e em outros da mesma abordagem, a teoria Histórico-Cultural, para discutir o desenvolvimento de linguagem.

Segundo Florêncio e Moreira (2020), a aquisição dos signos na teoria de Vygotsky acontece de modo diferente do teorizado por Saussure, pois através do contato com falantes da língua a criança passa a usar os signos e compreendê-los, dando sentido para esses. No entanto, Vygotsky e Saussure se relacionam em um mesmo conceito: não existe pensamento sem linguagem.

Através da teoria de Vygotsky compreendemos que a criança já nasce em meio a uma língua constituída e em um meio social que favorece seu desenvolvimento linguístico, dessa forma, através do contato entre falantes da língua a criança constitui aos poucos sua linguagem e pensamento. Para o autor, existem quatro estágios que caracterizam a fala infantil, sendo eles: primitivo ou natural; psicologia ingênua; fala egocêntrica e por último, estágio do crescimento interior. É através desses processos que a criança tem acesso a informação, os interioriza e dá significados a sua experiência.

A linguagem tem um papel fundamental na aprendizagem infantil, visto que é por meio dela que a comunicação ocorre, e também como sua segunda função de tornar o pensamento generalizante. Desta forma, a linguagem além de possibilitar a comunicação entre os sujeitos, ela simplifica e generaliza a experiência criando categorias conceituais, capazes de facilitar o processo de abstração e generalização, ou seja, o pensamento generalizante que ordena o real agrupa -os em conjuntos, que possuam as mesmas características gerais (FLORENCIO; MOREIRA, 2020, p.121).

Assim, nota-se que a linguagem é a responsável pela atividade psíquica humana, sendo fator muito importante no desenvolvimento infantil. No entanto, sem a aquisição dela podem ocorrer problemas sociais, emocionais e cognitivos no desenvolvimento da criança.

Barroso (2019) aponta para a importância da linguagem no desenvolvimento da criança; segundo a autora, Bakhtin e Vygotsky coincidem seus pensamentos sobre a língua, teorizando que essa constitui a consciência do indivíduo e deve ser aprendida em interação com o meio social. Assim, a enunciação só ganha sentido no diálogo dentro de um contexto em que está inserido. Para o autor, é pela palavra que se revelam os valores sociais e ideológicos de cada um. Segundo Barroso (2019, p.54):

Para o pensamento bakhtiniano, o processo de compreensão de um signo não é um mero processo de identificação de um código estabelecido, definido e apresentado ao sujeito em uma determinada língua. Bakhtin (1981) entende o signo como um todo, que carrega em si toda mensagem transmitida por aquele signo e não somente seus elementos morfológicos, como a palavra em si.

Para Vygotsky (1996) a criança não é um mero receptor passivo de conhecimento, pois ela desenvolve e constrói seu pensamento através de suas experiências e interação com o mundo. Assim, a aquisição de conceitos vem através da relação prática com objetos, pessoas e os significados que a criança atribui a eles na relação com o outro. Dessa maneira, para

chegar ao significado das palavras, é necessário que a criança já tenha domínio de seu pensamento, pois a linguagem exerce a função planejadora e organizadora.

Assim, as crianças surdas ficam em desvantagem em relação às crianças ouvintes, pois essas adquirem sua língua naturalmente em um ambiente de comunicação oral. Deve-se então, focalizar a atenção em favorecer a aquisição da língua pela criança surda, sem, no entanto, focar em seu déficit auditivo. Desse modo, é a língua de sinais a responsável pela formação do pensamento e aquisição de conceitos para os sujeitos surdos.

Portanto, o desenvolvimento da linguagem da criança surda acontece através da aquisição da língua de sinais (LS), a qual perpassa pelos mesmos processos da aquisição de uma língua oral, favorecendo o desenvolvimento cognitivo. Como apontado por Stokoe (1960), as línguas de sinais se caracterizam como línguas naturais, as quais possuem gramática e estrutura própria como qualquer língua, e através da LS é possível conversar desde assuntos abstratos até mesmo conversas cotidianas.

“A LIBRAS é uma língua” de modalidade visual espacial que diferentemente das línguas orais auditivas, utilizam-se da visão para sua apropriação e de elementos corporais e faciais organizados em movimentos no espaço para constituir unidades de sentido as palavras ou, como se referem os surdos, os sinais. Os sinais podem representar qualquer dado da realidade social, não se reduzindo a um simples sistema de gestos naturais, ou mímicas como pensa a maioria das pessoas. Aliás, esse é o principal mito em relação à língua de sinais, pois por utilizar as mãos e o corpo na comunicação, costuma-se compará-la à linguagem gestual, contextual e restrita a referentes concretos, palpáveis, transparentes que têm o significado facilmente apreendido por quem os observa. ( FERNANDES, 2011, p.82).

Nota-se, portanto, que as LS possuem status de língua, visto que atendem a todos os requisitos de uma língua natural. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais - doravante Libras - é reconhecida como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas através da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002). Além disso, a Lei prevê a garantia no atendimento dos sistemas de saúde e educacionais em Libras para a comunidade surda. O Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) o qual regulamenta a Lei 10.436/2002 dispõe dentre outros temas, sobre a educação de surdos e a formação de intérpretes e instrutores de Libras. É este assunto que abordaremos a seguir.

## 2.2 EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS E SEUS ATORES

De acordo com o Decreto (BRASIL, 2005), em seu Capítulo VI, o qual dispõe sobre a garantia ao acesso à educação para crianças surdas, prevê-se que as instituições federais de ensino devem garantir o ensino desde a educação infantil. Para tanto é prevista a criação de salas e escolas bilíngues com a presença de um professor que também domine Libras e Português, e que ministre os conteúdos em Libras. Desse modo, em escolas e classes bilíngues é previsto que a Libras seja ofertada enquanto primeira língua e o português seja ensinado na modalidade escrita, como segunda língua. Além disso, é garantida através do Decreto a participação dos alunos surdos nas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), do qual participam no horário contrário de sua estadia na escola de ensino regular, com o intuito de obter um ensino complementar.

Segundo Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento humano acontece de acordo com os ambientes em que os sujeitos estão inseridos, dessa forma, apesar de a criança surda estar inserida em seu ambiente familiar, ter contato com amigos e participar de outros eventos sociais, é durante a escolarização que seu círculo social irá se ampliar, portanto percebe-se que a comunicação nesse processo é essencial.

Segundo Brasil (2021), a educação bilíngue tem como objetivo instruir as crianças surdas, com deficiência auditiva, surdocegos, surdos com altas habilidades/superdotação e surdos com outras deficiências em sua própria língua, a língua de sinais, respeitando sua cultura e desenvolvimento entre pares. Desse modo, ela tem como objetivo respeitar a diferença linguística e cultural existente, pois essa abordagem de ensino busca compreender a especificidade linguística do aluno surdo, fazer o resgate da história da comunidade surda e ensinar o aluno surdo sua própria identidade.

Assim, compreende-se que a língua de sinais é um pilar central no ensino bilíngue. Segundo Barroso (2018), essa abordagem defende, ainda, que todo surdo deve ter o contato com a língua de sinais o mais precocemente possível.

Além de ser adaptada para a recepção dos alunos surdos através de uma metodologia adequada, a escola bilíngue tem como objetivo ofertar um ensino em que a Libras desenvolva papel central. Desse modo, é previsto que a criança surda tenha seu pleno desenvolvimento e identidade formada dentro desse espaço.

Em 1994, foi criada a Política Nacional de Educação Especial (PNEE), que propõe ações educacionais que objetivam superar a lógica da exclusão. Assim, tal Política visa a

diferença e igualdade enquanto valores indispensáveis para a sociedade. No entanto, entre tal política e o Decreto 5.626/05, existem grandes diferenças, conforme aponta Lodi (2013). A Política Nacional de Educação Especial foi criada devido a influência de vários outros documentos internacionais que foram sendo escritos acerca da Inclusão. Segundo ela, cabe à escola se adequar e repensar suas ações de modo a atender com qualidade todos os seus alunos.

Ainda segundo a autora, a criação do Decreto 5.626/05 também foi impulsionada por outros documentos legais mas teve influência, principalmente, dos movimentos da comunidade surda brasileira. Assim, a redação desse documento foi realizada junto com universidades, no entanto, a própria comunidade surda só pode participar das discussões durante a escrita do documento final. Diferentemente da Política Nacional de Educação Especial, o Decreto 5.626/05 tem como objetivo ser o paradigma educacional para os alunos surdos, enquanto que a Política traz considerações sobre todas as pessoas com deficiência.

Compreende-se que a Educação Especial é uma modalidade da Educação, assim seu objetivo é integrar a prática educacional da escola, de maneira complementar ou suplementar. Diante disso, foi criado pelo MEC o Programa de Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, esse tendo como objetivo promover a formação para gestores e educadores para a Educação Inclusiva.

No entanto, percebeu-se em 2007 que apesar da Política Nacional de Educação Especial e a criação desse programa, poucas mudanças ocorreram para que a inclusão acontecesse de fato. Dessa forma, através da criação do Decreto 6.094/07, o qual dispõe sobre planos, metas e compromissos para com a educação, reafirmou-se a garantia de acesso e permanência dos alunos com deficiência nas salas regulares de ensino.

Lodi (2013) finaliza seu texto apontando que a diferença entre o Decreto 5.626/05 e a Política Nacional de Educação Especial é que para a Política existe pouca preocupação em diferenciar os anos iniciais de escolarização dos anos finais, assim o documento descreve uma mesma organização educacional. Segundo o Decreto 5.626/05, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental devem ser realizados em salas em que a língua de instrução seja a língua de sinais, tendo também professores bilíngues regentes para atuação nestes espaços.

Apesar de ser uma modalidade já existente dentro da Educação Especial, no ano de 2021 foi aprovada a Lei que sanciona a Educação Bilíngue para surdos enquanto uma modalidade de ensino. De acordo com a Lei 14.191 (BRASIL, 2021) a Educação Bilíngue

para surdos deve ser garantida desde a Educação Infantil tendo como objetivos a valorização da cultura e identidade surda e ensino de conhecimentos e informações técnicos e científicos. Para tanto, é prevista a formação de professores bilíngues e instrutores surdos aptos a atuar com a Língua Brasileira de Sinais e o português na modalidade escrita.

O Decreto 5.626/2005 no artigo 7º aponta sobre as providências para a garantia do ensino para crianças surdas. Nesse sentido, está prevista a contratação de professores que tenham conhecimento da Libras com os seguintes perfis a) Instrutor de Libras (prioritariamente surdo), b) Intérprete de Libras-Português, c) Professor de Português como segunda língua para surdos, d) Professor regente com conhecimento em Libras e da área da surdez e por último, e) professor bilíngue.

Diante do texto do Decreto 5.626 compreende-se que na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, objeto deste estudo, recomenda-se que as salas de aula sejam bilíngues, ou seja, onde a Libras seja a língua de instrução, os conteúdos sejam ministrados por professores bilíngues, e a língua portuguesa seja ofertada como segunda língua na modalidade escrita. Outro aspecto a ser considerado neste contexto escolar é a presença do instrutor surdo, responsável pelo ensino da Libras às crianças surdas, especialmente porque, de acordo com Moura (2014), 95% das famílias de surdos são ouvintes e, portanto, as crianças surdas chegam à escola sem uma língua efetiva.

Assim sendo, compreende-se que apenas estes dois atores devem figurar o espaço escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental – e é por esta razão que, a seguir, vamos explorar a atuação de dois destes profissionais: o instrutor de Libras e o professor bilíngue.

## 2.3 SOBRE O INSTRUTOR SURDO E O PROFESSOR BILÍNGUE

Compreende-se que para a inclusão da criança surda na rede regular de ensino aconteça de fato, é necessário que a escola esteja preparada e organizada com uma metodologia que respeite a diferença linguística e cultura da criança surda. Desse modo, a presença do instrutor de Libras enquanto figura de referência identitária e linguística é imprescindível, assim como a presença do professor bilíngue, responsável pelos processos de ensino e aprendizagem.

A presença do instrutor surdo em âmbito escolar se dá devido ao seu papel enquanto usuário fluente da língua e conhecedor da cultura surda; dessa forma, cabe ao instrutor surdo

a responsabilidade pelo ensino da língua para aos educandos surdos, profissionais da escola e familiares, bem como organizar metodologias de ensino e criar um espaço favorável para o desenvolvimento das crianças (CORRADI, 2012). Para tanto, esse profissional deve ter uma formação profissional e ter fluência em Libras (BRASIL, 2005).

Compreende-se que grande parte das crianças surdas ingressa em âmbito escolar com uma aquisição de língua precária e fragmentada. Percebe-se que o instrutor surdo se torna, então, uma referência tanto para a criança surda quanto para a sua família, pois esse profissional atua de modo a introduzir a língua na vida da criança e assim, conduzi-la à apropriação de mundo. Segundo Corradi (2012, p.80):

O processo de mediação contempla a relação com o outro e diz respeito, sobretudo, à apropriação de instrumentos físicos e psicológicos que proporcionam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em um contexto sociocultural.

Apesar de o instrutor de Libras atuar prioritariamente com o ensino da língua, sua atuação permite a identificação entre pares e a interação para com a sociedade. Ao adquirir uma língua, a criança começa a dominar conceitos socialmente construídos e através deles, ocorre o desenvolvimento das funções psicológicas. Para que isso ocorra, no entanto, é necessário, segundo o Decreto 5.626/2005, que o instrutor de Libras tenha conhecimento da língua e seja usuário dela, como também tenha curso superior ou formação em nível médio e tenha a certificação de proficiência da língua. Segundo Santos e Gurgel (2014, p.54):

A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) junto ao Ministério da Educação (MEC), e a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), desde o ano de 2001, têm buscado garantir condições de formação do instrutor surdo, porém os programas de formação tendem a se restringir às grandes cidades e capitais, não atingindo um número suficiente de profissionais para que haja uma ampla divulgação de seu trabalho. Também recentemente em janeiro de 2007, passou a ser desenvolvido o ProLibras, programa promovido pelo Ministério da Educação e desenvolvido por instituições de educação superior em todo o Brasil, com o objetivo de viabilizar a certificação de proficiência em Libras, bem como certificar a proficiência em tradução e interpretação da língua de sinais por meio de um exame nacional.

Atualmente, embora existam cursos de formação para instrutor surdo de Libras, é válido afirmar que esses ainda são insuficientes e que a comunidade surda tem pouco acesso

a eles. Contudo, para a formação do instrutor surdo é necessário um estudo árduo e uma formação em serviço, tendo como objetivo uma postura adequada de professor de língua.

As autoras Lodi, Rosa e Almeida (2012), mostraram em sua pesquisa sobre o “Apropriação da Libras e o Constituir-se Surdo” que o ensino da Libras enquanto língua concreta e viva possibilitou às alunas surdas, alvo da pesquisa, a interação e a possibilidade de se expressar. Desse modo, as alunas se apropriaram da língua e da cultura surda de modo a abandonar gestos caseiros e mímicas, se apropriando de conceitos e conhecimentos. Percebe-se assim, que a presença do instrutor surdo não só permite a identificação entre os alunos como também a construção de sua própria identidade.

Os momentos de aula com o instrutor surdo, em algumas experiências escolares (SANTOS; GURGEL, 2014), são nomeados como “oficina de Libras”, os quais devem ser ofertados por um surdo adulto e ter como objetivo o ensino sobre a surdez, cultura surda e outros fatores importantes para o desenvolvimento das crianças.

[...]. Essas oficinas, portanto, não têm um período de duração predefinido; elas acontecem enquanto houver crianças surdas na escola e profissionais que estejam em contato com elas. E, diferentemente do que ocorre em uma sala de aula, o instrutor surdo não é o responsável pelo ensino formalizado; ele é um mediador da linguagem e conhecedor da língua de sinais, que vai partilhar seu saber de forma lúdica, buscando a imersão das crianças no universo da Libras. (SANTOS; GURGEL, 2014, p.55):

Portanto, esse profissional que media o conhecimento da criança surda, lhe dá ferramentas para o seu desenvolvimento tendo um maior cuidado com a metodologia de ensino do aluno e também é responsável por ser uma referência identitária, social e afetiva para a criança.

Segundo Corradi (2012), compreende-se que o ensino da criança surda requer mudanças na prática pedagógica; dessa forma, o ensino deve ser planejado, organizado e mediado por professores que compreendam as especificidades da surdez.

É por este motivo que temos como objetivo compreender a prática de ensino e mediação do instrutor surdo para com seus alunos. O ensino do professor deve provocar seus alunos ao desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores. Em relação com os adultos, a criança constrói as formas culturais de ação e pensamentos. A aquisição dos signos

---

<sup>1</sup> Apesar da menção no Decreto, o Programa ProLibras foi extinto em 2015, tendo a vigência de 10 anos de duração. Dessa forma, atualmente são aceitas certificações em Graduação, Pós Graduação em Libras e também cursos de Libras aprovados pelo Ministério da Educação (MEC).

pela criança representa a constituição de um conjunto de conhecimentos no percurso da história social para a individual.

A autora ainda aponta, de acordo com Vygotsky, que o desenvolvimento humano não ocorre simplesmente em relação direta com os objetos e sim, através da relação de mediação. É nesse sentido que o instrutor surdo é previsto pelo Decreto 5626/2005, pois é esse profissional que contribui para que a criança surda possa adquirir sua língua e assim, se apropriar de conhecimentos e conteúdos a partir da Língua de Sinais.

Cabe à escola propiciar ao aluno um ambiente bilíngue, com profissionais capacitados segundo esta proposta, no qual haja a circulação de sua língua. É papel da escola transmitir conhecimentos socialmente produzidos entre gerações, e esse conhecimento não deve ser simplesmente uma transmissão mecânica, mas sim previamente planejado.

Conforme exposto anteriormente, assim como as línguas orais, a Libras atua na organização do pensamento e controle de comportamento; assim, se a criança não for exposta desde tenra idade, seu desenvolvimento de língua e pensamento podem ser precários. Segundo Corradi (2012, p.87):

O pensamento, como explica Vigotski (2007), constitui-se no plano social (interpsicológico), é modificado pelo sujeito, passando a existir no plano intrapsicológico. Sendo assim, as funções cognitivas surgem nas interações estabelecidas entre pessoas e objetos sob a mediação da linguagem/LIBRAS, interferindo apenas no modo de pensar e agir.

Desse modo, compreende-se a importância do desenvolvimento linguístico proporcionado pelo instrutor surdo e os outros atores que atuam na escola com proposta de ensino bilíngue.

Considera-se, ademais, que a prática pedagógica para o ensino das crianças surdas é imprescindível para o desenvolvimento do aluno, contudo, esta prática é somente um dos elementos importantes para a formação da criança surda. Cabe a escola, além de estar organizada e pronta para a recepção do aluno surdo, reconhecer a importância do instrutor surdo em sala aula, e a este, cabe a tarefa de realizar a mediação de conhecimento de modo a possibilitar que o aluno surdo compreenda sua realidade social e cultural (CORRADI, 2012). Assim, a legislação e os estudos destacados até o presente momento apontam para a necessidade de contratação desses profissionais, pois qualquer que seja a ação pedagógica utilizada ao ensino de surdos, deve considerar como ponto principal a condição linguística e cultural do sujeito surdo.

Passemos agora a um outro ator de suma relevância no espaço educacional bilíngue:

o professor bilíngue. É necessário, primeiramente, conhecer o seu papel enquanto docente e também enquanto sujeito atuante na educação bilíngue, pois tal modalidade de ensino não visa somente a aquisição da língua, como também a plena aprendizagem e desenvolvimento dos alunos enquanto sujeitos atuantes na sociedade.

O Decreto 5.626/2005 regulamenta a presença de um professor regente bilíngue na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que a língua de instrução seja a Libras. A partir da segunda etapa do Ensino Fundamental, está prevista a presença de intérpretes de Libras. No entanto, apesar de ser garantida por lei, essa não é a realidade comum em nosso país.

Embora o Decreto 5.626/2005 apresente a figura do professor bilíngue, o texto não menciona detalhes sobre sua formação ou a execução de uma educação bilíngue. Ainda que o professor atue com duas línguas de instrução para o alunado surdo, não significa que exista a aquisição e apropriação de saberes de fato, de modo a ocorrer uma aprendizagem bilíngue. Assim, percebe-se que o Decreto 5.626/2005 faz menção a um conhecimento linguístico mas não necessariamente pedagógico.

Compreende-se que o professor tem importante papel na formação de seus educandos, visto que esse, além de mediar os conhecimentos, dá ferramentas para a abertura de novos horizontes. Em relação ao professor bilíngue, além de ser responsável pelos processos de ensino e aprendizagem também tem como papel, segundo Barroso (2018), o ensino do português na modalidade escrita, e ainda o ensino da Libras enquanto ferramenta de empoderamento para a criança surda.

Desse modo, segundo Lacerda, Albres e Drago (2013), é necessário enfatizar que esse profissional ainda não tem um papel demarcado, pois seu conceito ainda é fluído e não bem definido. No entanto, compreende-se como professor bilíngue aquele profissional com fluência em Libras, o qual também atua de forma a desenvolver o português escrito para os alunos surdos tendo como base metodologias específicas. Ainda segundo as autoras, o professor bilíngue tem formação em curso superior de pedagogia ou licenciatura específica e atua de modo a promover o ensino e a aprendizagem do aluno surdo em âmbito escolar, utilizando a Libras como língua de instrução.

Segundo o Decreto 5.626/2005, o professor bilíngue de Libras deve apresentar formação em nível superior ou pós-graduação com certificação de proficiência da língua, esse expedido pelo Ministério da Educação (MEC). Contudo, esse profissional deve ter conhecimento da Libras, da língua portuguesa e conhecimentos na área da surdez, visto que

atua em contato direto com crianças surdas. Ainda segundo o Decreto, também é prevista a criação de cursos de pedagogia bilíngue para professores surdos e ouvintes para a atuação na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, no entanto, ainda existem poucos cursos e conseqüentemente, a formação de poucos profissionais.

Considerando a escola bilíngue, percebe-se a importância de um currículo estruturado pensado nas especificidades da comunidade surda, sua cultura e língua, ofertando, desse modo, uma metodologia rica e dinâmica. Segundo Barroso (2018, p.35):

Mudanças, adaptações e variações no currículo buscam dar qualidade, melhorar os conteúdos, desenvolver em ciclo as matérias do currículo, horizontalizar e/ou transversalizar as disciplinas do conhecimento. A proposta das reflexões não é separar os surdos da comunidade ouvinte, o propósito é refletir sobre o “modelo ouvinte” de currículo para os surdos.

Para tanto, é necessário que o professor bilíngue atue em sala de aula com a Libras enquanto língua de instrução, proporcionando aos alunos a aquisição da língua e dos conteúdos pedagógicos. Dessa forma, por meio da língua de sinais, os conteúdos são ensinados, como também o ensino da língua portuguesa em sua modalidade escrita. Segundo Barroso (2018, p.38):

O letramento em uma segunda língua (L2), no caso dos surdos no Brasil, em língua portuguesa na modalidade escrita, é o ponto de partida para a inserção e o desenvolvimento desse grupo no meio cultural em que vive, favorecendo assim, a sua ampliação de conhecimento.

Compreende-se que muitos alunos surdos ingressam na escola sem a aquisição de uma língua ou com pouco domínio dela, dessa forma, cabe ao professor bilíngue atuar de modo ensinar a Libras e o português em sua modalidade escrita, muitas vezes concomitantemente. Assim, segundo Barroso (2018), cabe a esse profissional levar em consideração o que a criança já sabe, suas interações e enunciados de modo a conduzi-la para a aquisição de novos conhecimentos, para tanto, se faz necessário que tanto professor quanto alunos surdos estejam imersos em um ambiente bilíngue.

Portanto, percebe-se que o instrutor de Libras e o professor bilíngue executam trabalhos semelhantes, uma vez que atuam na mediação do conhecimento e com o ensino da Libras. Contudo, deve-se enfatizar a importância do instrutor de Libras surdo, o qual atuará no ensino de Libras de modo a proporcionar o reconhecimento das diferenças, a interação entre pares e a apropriação da língua. Diferentemente desse profissional, o professor bilíngue atua enquanto docente responsável pelos processos de ensino e aprendizagem, mas para tanto,

é fundamental o conhecimento profundo da língua portuguesa e também da Libras, visto que esse profissional atua com ambas línguas, de modo a introduzi-las na vida de seus educandos surdos.

### 3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

As pesquisas que exploram a educação de surdos têm se ampliado grandemente, no entanto, ainda existem lacunas a serem exploradas. Nota-se então, a importância de uma pesquisa que aborde o ensino bilíngue para surdos, tendo como foco a análise da atuação de diferentes profissionais em relação ao desenvolvimento de linguagem dos educandos surdos.

A presente pesquisa compreende que a maioria das crianças surdas ingressantes na Educação Infantil são filhas de pais ouvintes, as quais, muitas vezes, se comunicam através de gestos caseiros ou mímica, pois não possuem uma língua adquirida de fato. Apesar de a surdez não apresentar características físicas, ou seja, ser invisível, essa apresenta grande interferência em âmbito familiar, convidando todos os familiares a conviver com a diferença.

Segundo Castro (1999), entende-se que para um desenvolvimento pleno, é necessário uma participação efetiva da família nos processos de aprendizagem da criança surda, assim como a aceitação desta. Contudo, compreende-se que a chegada de um filho surdo em âmbito familiar provoca mudanças, adaptações e novas aprendizagens. Segundo Negrelli e Marcon (2006), a descoberta da surdez da criança por parte de seus pais, é quase sempre um acontecimento traumático, o qual requer tempo para que aconteça a aceitação e compreensão desta.

Por esse motivo compreende-se a importância do ambiente escolar, o qual será, em primeira instância, responsável pelo ensino da língua de sinais para a criança surda e também responsável pela acolhida aos familiares. Nesse sentido, o ambiente escolar bilíngue é de extrema importância para o desenvolvimento pleno da criança surda, visto que possui metodologia elaborada para as especificidades da criança e profissionais capacitados na área da surdez. Segundo Sá (2011, p.17):

A escola bilíngue específica para surdos tem seu valor ampliado pelo fato de que é o único tipo de escola que mais adequadamente pode configurar-se como um ambiente linguístico natural favorável à aquisição da língua de sinais em idade precoce [...] os surdos, bem como os estudiosos que defendem a escola específica para surdos, não querem a criação de guetos; querem a criação de espaços garantidos para que o surdo se torne mais rapidamente uma pessoa “bilíngue”, e, para tanto, precisa de um ambiente linguístico natural para a aquisição de sua primeira língua, a partir do qual terá condições de desenvolver sua consciência metalinguística, ampliando as possibilidades de aprendizagem da segunda língua.

Para tanto, são previstos em âmbito escolar profissionais capacitados, que tenham conhecimento acerca da surdez, cultura surda e também conhecimento da Libras. Dessa forma, teremos como foco nesta pesquisa dois profissionais da área: professor bilíngue de Libras e instrutor surdo.

O instrutor de Libras é o profissional responsável por ensinar a língua de sinais, a cultura surda e, por muitas vezes, é a única referência da comunidade surda a qual a criança tem contato. Diferentemente, o professor bilíngue é o profissional responsável por ministrar conteúdos tendo a Libras como língua de instrução, concomitantemente ao ensino do português na modalidade escrita.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como se dá o desenvolvimento da linguagem da criança surda a partir do discurso de diferentes profissionais: instrutor de Libras e professor bilíngue, profissionais importantes no processo de aquisição de língua da criança surda.

Como objetivos específicos propõe-se:

- Compreender a importância da escola bilíngue e a presença dos profissionais da área,
- Apreender as diferenças existentes no trabalho desses profissionais em uma escola bilíngue;
- Identificar a importância da relação escola e família.

Verifica-se, portanto, a importância deste estudo, o qual contribuirá para a compreensão do desenvolvimento da linguagem da criança surda, para a compreensão do trabalho dos profissionais inseridos no contexto bilíngue, além disso, contribuirá em muito para os estudos na área da Surdez.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou a abordagem qualitativa buscando compreender as diferenças existentes entre o papel de dois profissionais da educação bilíngue, sendo eles instrutor surdo de Libras e professor bilíngue, além disso, buscou-se compreender como cada profissional influencia no desenvolvimento da linguagem da criança surda; para tanto, o presente trabalho teve como objeto de pesquisa um estudo de caso.

O estudo de caso tem como objetivo compreender um caso em específico, sendo esse representativo de um grupo de casos parecidos. Segundo Severino (2007, p.123):

O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências. Os dados devem ser coletados e registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo.

Atualmente, o estudo de caso tem sido utilizado em larga escala, principalmente nas ciências sociais, pois permite a compreensão e o estudo aprofundado de um único fenômeno. Segundo Gil (1999), o estudo de caso permite preservar o caráter único do objeto a ser estudado, como também a descrição do contexto do caso, a sua compreensão e a formulação de hipóteses e teorias acerca dele.

Dessa forma, visando uma melhor interação para com os participantes, a obtenção de dados mais ricos e uma melhor compreensão do objeto em foco, o estudo de caso foi realizado a partir de **entrevistas** com um instrutor surdo e um professor bilíngue que atuam em uma sala de educação infantil, em uma escola municipal regular, com programa de educação bilíngue para surdos, em uma cidade de médio porte do interior de São Paulo. Para tanto, as entrevistas foram semi-estruturadas e realizadas de modo *online* com dois participantes.

Segundo Gil (1999, p.117) a entrevista “é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que lhe interessam a investigação”. A entrevista semi-estruturada permite que o entrevistado opine sobre o assunto livremente, sem que seja necessário seguir rigidamente o roteiro de perguntas.

[...] o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (...). A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (LAKATOS; MARCONI, 1994: 195)

Por fim, para a realização da entrevista, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, orientando os entrevistados acerca do objetivo da pesquisa, as normas éticas a serem seguidas e seus direitos enquanto entrevistados.

Através da entrevista, foram feitas análises para a compreensão do modo como ambos profissionais da educação bilíngue influenciam no desenvolvimento da linguagem da criança surda.

Em anexo, encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual foi encaminhado e posteriormente assinado por cada participante entrevistado.

## 4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida junto a dois profissionais da educação de uma escola com proposta de educação bilíngue para surdos, a qual está localizada em uma cidade de porte médio no interior do estado de São Paulo, caracterizada por atender os alunos surdos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I em período integral do município e região.

A seleção dos profissionais da área para estudo de caso se deu devido a sua atuação na Educação Infantil da escola mencionada, a qual está atendendo aos alunos surdos com essa nova proposta educacional no município há apenas dois anos. Anteriormente, os alunos surdos eram atendidos em escolas da rede regular de ensino com a presença dos intérpretes em sala de aula. No entanto, a fim de que esses alunos tivessem uma aprendizagem equânime aos alunos ouvintes, foi criada nesta escola uma proposta de ensino bilíngue para surdos no município. Deste modo, a escola conta com salas bilíngues (com professores bilíngues e língua de instrução Libras) na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Apesar de a proposta de educação bilíngue da escola já ter sido aprovada e de escola estar em funcionamento, ainda não houve concurso para a contratação de profissionais para a instituição, dessa forma, tanto o instrutor surdo quanto a professora bilíngue entrevistados

estão “emprestados” pelo município para a atuação nesta escola. Dessa forma, os profissionais são contratados para atuar em outras escolas, no entanto, até que sejam realizados concursos para a contratação de novos profissionais, ambos irão continuar atuando na escola bilíngue.

### 4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com dois profissionais da educação, sendo eles o instrutor surdo e a professora bilíngue, os quais atuam na Educação Infantil da instituição escolar atendendo em sala de aula 5 alunos surdos com faixa etária entre 4 e 5 anos.

Ambos os profissionais possuem formação em nível superior, sendo o instrutor surdo formado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com pós-graduação em Ensino de Libras para Surdos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A professora bilíngue é formada em Pedagogia e possui um curso de especialização em Tradução e Interpretação de Libras pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

Tanto o instrutor surdo quanto a professora bilíngue atuam na área da educação há mais de dez anos, e há dois anos começaram a atuar na escola com proposta bilíngue do município.

Os profissionais serão caracterizados da seguinte maneira a fim de preservar ambas identidades: a Professora Bilíngue será nomeada como PB; o Instrutor Surdo, será identificado como IS.

### 4.4 COLETA DE DADOS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) e aprovada sob o protocolo 58485122.2.0000.5504.

Após a escolha dos participantes da entrevista, foi encaminhado para cada um o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o qual foi aceito e assinado pelos participantes.

Posteriormente, foi elaborado um roteiro semi-estruturado que teve doze questões norteadoras, visto que o intuito era não se prender a ele. Assim, a coleta de dados ocorreu nos dias 5 e 6 do mês de julho de 2022 de maneira remota através da plataforma Google Meet, tendo ambas entrevistas a duração de uma hora. As entrevistas foram gravadas e armazenadas na nuvem, encontram-se seguras no drive da pesquisadora; serão utilizadas somente para fins de pesquisa.

#### 4.5 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas na íntegra respeitando o discurso de cada entrevistado. Para a análise das entrevistas foram selecionados trechos dos discursos de ambos profissionais que se referem ao desenvolvimento da linguagem da criança surda, ao seu trabalho na escola e por fim, a importância da relação entre família-escola - tema apresentado como maior desafio no espaço educacional. Desse modo, serão apresentados alguns trechos da entrevista, analisados de acordo com as referências teóricas apresentadas neste estudo; o roteiro da entrevista elaborada se encontra disponível no Apêndice. Nas análises de dados os trechos de discursos dos entrevistados serão apresentados em itálico e com letra em tamanho reduzido.

Posteriormente, foram criadas três categorias de análise, de acordo com os objetivos específicos propostos nesta pesquisa e com temas que emergiram de forma mais marcante nos discursos de ambos os profissionais. As categorias versam a respeito do desenvolvimento dos alunos surdos, as diferenças do trabalho entre professor bilíngue e instrutor surdo e, por último, a respeito da participação da família na escola.

## 5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

### 5.1 A RESPEITO DO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS SURDOS

A PB tem 16 anos de atuação na área educacional, contudo, essa é a sua primeira experiência como professora bilíngue. Em sua sala de Educação Infantil, existem cinco alunos surdos, sendo todos eles filhos de pais ouvintes. Segundo ela, as crianças ingressaram na escola sem possuir uma língua desenvolvida, utilizando apenas gestos caseiros para se comunicar; dessa forma, a metodologia utilizada na escola tem como objetivo a aquisição da Libras a partir de vivências práticas com o brincar.

Compreende-se a importância das vivências na Educação Infantil para o desenvolvimento de todas as crianças, sobretudo para as crianças surdas, pois é a escola o espaço no qual são ofertadas experiências para que ela desenvolva uma língua. Dessa forma, uma das alternativas encontradas pela PB para a aquisição da língua foi criar um “Diário”, sendo esse um caderno no qual são narradas todas as vivências das crianças; desde imagens de suas famílias até simples relatos cotidianos. A partir desse material, as crianças ampliam seu repertório linguístico e interagem com os demais colegas de sala.

Além das interações com a professora bilíngue, as crianças também têm, duas vezes por semana, encontros com o instrutor surdo, o qual, a partir de experiências práticas, contações de história, jogos e brincadeiras expõe as crianças surdas ao contato com a língua de sinais.

Compreende-se, dessa forma, que a escola é um lugar caracterizado pela interação e pelas relações, desse modo, é em contato entre pares que as crianças se apropriam de conhecimentos, reconstróem significados e se desenvolvem plenamente, pois segundo Vygotsky (1984, s.p), “a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações mútuas, com consequente ampliação das capacidades individuais”.

Em relação ao desenvolvimento da linguagem das crianças surdas, a PB narra que os alunos chegaram à escola sem uma língua em comum, tendo dificuldades de se expressar ou pedir para tomar água e ir ao banheiro. Assim, o trabalho com as crianças teve como foco principal a aquisição de uma língua. Segundo a profissional, já é possível perceber mudanças de comportamento nos alunos em sala de aula:

*(...) Até os alunos maiores, parece que libertou sabe? Até a mãe de uma criança...acho que está no quinto ano, ela disse que a filha é outra criança, outra menina porque ela quer ir para a escola porque lá vão entender o que ela está pensando. É libertador mesmo... a língua é libertador. Agora os pequenos...Parece que estão na escola faz anos! Eles andam pela escola, voltam...Aprontam, entram de sala em sala... E a gente tá criando, na verdade, regras N/É? [...] Mas aparentemente, eles não têm medo da comunicação porque eles ainda não perceberam que outras pessoas ainda não entendem, sabe? O que os maiores tem...A gente fala, por exemplo, “vai até a secretaria e leva esse papel...Entrega para coordenadora” , nossa, os pequenos descem, vão , entregam o papel e voltam, mas os maiores eles têm um medo de que não vão entender, de que não vão conseguir se explicar (...)*  
**(PB)**

Segundo Vygotsky (1984), a linguagem tem duas funções básicas sendo a primeira a função de intercâmbio social e a segunda função descrita enquanto pensamento generalizante. Atentando à primeira função, percebemos que o autor descreve a linguagem enquanto a necessidade de se comunicar, sendo esta necessidade o principal impulso para o desenvolvimento da linguagem. Assim, a sensação de liberdade relatada pela PB pode ser compreendida como a necessidade de a criança se expressar e interagir com seus pares. Percebe-se, portanto, que a escola se torna um lugar privilegiado de interação, no qual é possibilitado que a criança tenha seu desenvolvimento integral. Isto só é possível porque a escola tem uma proposta de educação bilíngue, onde a Libras figura como língua de comunicação e instrução, sendo acessível aos estudantes surdos.

Em relação às crianças surdas da Educação Infantil, Lacerda (2000) descreve que essas devem ser expostas a língua de sinais o mais precocemente possível, possibilitando seu desenvolvimento pleno, aquisição de cultura e identidade surda. Através do relato da PB, percebe-se ainda que há uma diferença entre o comportamento das crianças da Educação Infantil e das crianças do Ensino Fundamental, descrito por ela como “crianças maiores”. Podemos atribuir este fato à caminhada educacional realizada anteriormente por esses alunos, os quais estavam inseridos na rede regular de ensino com a presença de intérpretes em sala de aula, tendo o português enquanto língua majoritária no espaço escolar. Nota-se, assim, a importância da Educação Infantil enquanto espaço bilíngue para os alunos surdos desde tenra idade, pois segundo Gurgel et. al (2016), é dentro da escola que as crianças ampliam seu repertório linguístico, têm o desenvolvimento de sua função psíquica e ampliam suas oportunidade de interação com o mundo.

Para Vygotsky (1984), o desenvolvimento humano é um processo contínuo de aquisições e transformações que acontecem no indivíduo a partir de suas experiências no contexto das relações sociais. Dessa maneira, o autor descreve o espaço escolar como

fundamental para o desenvolvimento do aluno e aquisição de conceitos, pois é na relação entre pares que há o desenvolvimento. O trecho abaixo relatado pela PB ilustra o processo de aquisição de linguagem das crianças surdas a partir das relações sociais.

*(...) Eles já estão conseguindo ter uma discussão em língua de sinais ou já estão contando as coisas, por exemplo, eles chegam e falam que vão na casa da tia porque vai ter festa de aniversário. Isso não tinha antes dentro da minha sala de aula ... ano passado, não tinha! E esse ano eles já conseguem contar....A gente marca no calendário a data do aniversário deles, N/É, e esse mês foi aniversário do J. e do L., então eu dizia “Olha, você tem 5, mas olha, vai fazer 6” (mostra a mudança de idade em língua de sinais), foi uma brincadeira, N/É.... No dia do aniversário do L., ele fez assim “5, não...6!” (mostrou em língua de sinais a mudança de idade) (risos). Então ele já chegou sabendo que era o dia do aniversário dele...Isso dá emoção pra nós! (PB)*

Compreende-se que é durante a infância que a realidade humana se abre cada vez mais para a criança, propiciando seu desenvolvimento, dessa forma, as relações estabelecidas entre a criança e os sujeitos que pertencem ao seu meio são de essencial importância. Segundo Leontiev (1989), é através das interações que a inteligência e os processos psicológicos superiores se desenvolvem. Podemos perceber tal fato através da fala do IS:

*(...) Por exemplo, nós levamos o grupo de alunos até o supermercado...Para comprar detergente, sabe? (fez a datilologia do sinal) . Eu perguntei o que era aquilo e o aluno já ergueu a mão, me explicou “é lava louças!! você aperta e lava os pratos ...” . Eu olhei e falei “tá certo”! Nossa, ele respondeu muito rápido...Sozinho ele já respondeu em libras do jeitinho dele ...Nossa, eu fiquei admirado! Porque eu não ensinei ! Ele mesmo pensou, teve ideia e respondeu perfeitamente do jeito dele. Eu fiquei muito admirado! A outra aluna observou, copiou e já respondeu em Libras também. (...) (IS)*

Pode-se perceber através da fala do IS, que a partir do momento em que a criança tem o domínio da linguagem, o seu pensamento se torna verbal, dessa forma, é possível expressar desejos, sentimentos, reflexões e vontades. Assim, como ilustrado na fala do IS, o aluno pôde manifestar um conhecimento que já havia adquirido em contato com seus pares através da observação. Segundo Lacerda (1998, p.38-39):

É pela linguagem e na linguagem que se podem construir conhecimentos. É aquilo que é dito, comentado, pensado pelo sujeito e pelo outro, nas diferentes situações, que faz com que os conceitos sejam generalizados, sejam relacionados, gerando um processo de construção de conhecimentos que vai interferir de maneira contundente nas novas experiências que este sujeito venha a ter. Ele se transforma através desses conhecimentos construídos, transforma seu modo de lidar com o mundo e com a cultura e essas experiências geram outras, num movimento contínuo de transformações de e desenvolvimento (...).

Percebe-se assim, que é por meio da linguagem que os conhecimentos e conceitos

são construídos, desse modo, é através da atividade mediadora entre sujeitos e objeto de conhecimento que há a compreensão e o compartilhamento de experiências.

Além disso, é possível identificar ainda na fala citada a questão da imitação, pois ao observar a interação entre o aluno surdo e o IS, a aluna pôde imitar o seu colega. Para Vygotsky (1996), a imitação tem grande importância, pois é estabelecida através do contato entre pares e auxilia na internalização de conhecimento. Dessa forma, segundo o autor, a imitação é uma capacidade humana, pois somente os seres humanos são capazes de aprender conceitos e comportamentos novos através dela. Assim, o contato entre pares é de essencial importância, pois a imitação é compreendida por toda atividade que a criança não consegue realizar sozinha sem a mediação de adultos.

Percebe-se, portanto, que em ambas falas é possível reconhecer o potencial existente na relação entre pares, pois através desta, as crianças são capazes de ter a aquisição de linguagem, internalização de conceitos e, conseqüentemente, o desenvolvimento psíquico.

## 5.2 AS DIFERENÇAS DE TRABALHO ENTRE PROFESSOR BILÍNGUE E INSTRUTOR SURDO

A escola tem como principal característica ser um espaço de aprendizagem, contudo, também é responsável por promover a socialização de seus alunos. A partir da convivência social, a escola possibilita a partilha dos conhecimentos historicamente construídos, troca de experiências e contato com diferentes culturas.

Em relação à escola bilíngue, pesquisadores como Lacerda, Gurgel e Barroso defendem que todas as crianças surdas necessitam ter contato com sujeitos que utilizam a língua de sinais desde tenra idade, respeitando os aspectos culturais, sociais e metodológicos. Para Lacerda e Goés (2007, p.01) cabe à escola

[...] oferecer oportunidades para que a criança se torne bilíngue, esteja em interação com pares em sua língua e tenha contato com a comunidade surda, podendo se reconhecer como pertencente a ela e (re)conhecer aspectos pertinentes à surdez.

Deste modo, é necessário que os educadores envolvidos neste processo tenham domínio da língua de sinais e conhecimentos na área da surdez.

Em relação às especificidades do ensino pautado em práticas bilíngues, é necessário que os profissionais da área tenham uma formação específica para atender os alunos de forma adequada:

Professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação.  
 Instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2005).

Além disso, é necessário que ambos profissionais tenham conhecimento na área da surdez. Para o IS, o professor bilíngue é o verdadeiro responsável pelos processos de ensino-aprendizagem, pois:

*(...) O instrutor surdo ajuda os alunos, incentiva a aquisição da língua porque tem o mesmo modo de compreensão dos alunos surdos, então é um modelo para as crianças surdas. Em relação ao ensino, o instrutor surdo trabalha junto com o professor bilíngue, então todos os materiais da aula e atividades o professor bilíngue passa para o Instrutor Surdo, ele organiza e auxilia os alunos surdos na compreensão. O professor bilíngue de Libras é diferente... Tem muito mais responsabilidade, porque precisa compreender as teorias, realizar leituras, saber como adaptar os materiais para os alunos surdos, refletir sobre as diferentes estratégias de ensino e preparar materiais como vídeos...várias coisas! O professor bilíngue trabalha em parceria com o instrutor surdo e aproveita ao máximo todas as características do instrutor surdo para conseguir ofertar um ensino de qualidade e que seja aprofundado. (IS)*

Cabe ao professor bilíngue ser um profissional capacitado e com conhecimentos específicos para conduzir os alunos ao desenvolvimento acadêmico e linguístico. Contudo, para que o trabalho desenvolvido seja de verdadeira qualidade, é necessário que exista uma parceria entre professor bilíngue e instrutor surdo. Segundo a PB:

*(...) Às vezes eu tento explicar alguma coisa em Língua de Sinais mas eu penso como ouvinte, eu nunca pensarei como surdo, por mais que eu tenha contato, por mais que eu viva bastante com eles, eu nunca vou conseguir chegar a uma explicação tão boa quanto a do instrutor surdo. Às vezes eu falo “IS, eu não tô conseguindo explicar isso..!” Então ele vai, senta e eles conversam e... é a língua dele N/É? É o pensamento dele, é o jeito que ele enxerga a vida. É diferente da minha! Então é de extrema importância o Instrutor Surdo dentro de uma escola bilíngue..Acho que sem o Instrutor Surdo, uma escola bilíngue não é boa o suficiente. (PB)*

Ao instrutor surdo, cabe a tarefa de utilizar de diferentes recursos para o ensino da língua de sinais para seus educandos, dessa forma, diferentes estratégias como uso de imagens, slides, contações de histórias e brincadeiras são utilizadas por ele. Compreende-se, que o trabalho realizado na instituição bilíngue não é simples ou fácil, pois requer mudanças atitudinais, estruturais e metodológicas na escola.

A inserção do professor surdo na sala de aula contribui para que os alunos não somente encontrem possibilidades de construção da narrativa em língua de sinais, mas também se percebam como surdos, construindo sua identidade já na idade de 5-7 anos, assumindo e diferenciando papéis na interação. A perspectiva de educação bilíngue na área da surdez está antecipando a consciência dos próprios surdos sobre o significado da surdez,

o que há bem pouco tempo acontecia somente na idade adulta (GESUELI, 2006, p.277).

Desse modo, percebe-se a importância da presença desse profissional na instituição escolar, pois é através dele que os educandos terão um modelo linguístico e cultural. Além disso, através da fala da PB, percebe-se também o quanto a presença do instrutor é essencial, pois muitas vezes devido a barreira linguística, a PB encontra dificuldades para a explicação de conteúdos, dificuldade esta, que pode ser suprida juntamente com o instrutor, o qual dá ferramentas e auxílio para a construção de conceitos a partir da língua de sinais. Dessa forma, em âmbito escolar, o instrutor surdo é uma figura de referência e modelo para seus educandos.

E diferentemente do que ocorre em uma sala de aula, o instrutor surdo não é o responsável pelo ensino formalizado; ele é um mediador da linguagem e conhecedor da língua de sinais, que vai partilhar seu saber de forma lúdica, buscando a imersão das crianças no universo da Libras (SANTOS; GURGEL, 2014, p.54)

Na perspectiva de Vygotsky (1936), nos constituímos enquanto sujeitos através da e pela linguagem, assim, através de interações e produções discursivas, o sujeito internaliza a linguagem e assim, se constitui enquanto ser social, desse modo, é de extrema importância a presença do instrutor surdo, pois esse auxilia na aquisição da linguagem e na constituição da identidade de seus alunos. Para Lodi (2006, p.186):

O eu e o outro se constituem mutuamente: o eu não existe sem o outro, assim como a autoconsciência só se desenvolve através do outro. Dessa forma, o eu bakhtiniano não se constitui isoladamente, não é algo acabado e completo; existe apenas uma relação tensa e dinâmica com aquilo que é outro, que lhe dará acabamento e completude. Meu eu só é percebido pelos olhos do outro, na refração do mundo através dos valores do(s) outro(s).

Compreende-se, portanto, que é a partir do convívio com os outros sujeitos que existe a constituição do “eu”. Desse modo, a convivência com o instrutor surdo é de extrema importância aos educandos surdos, pois, é em contato com o adulto falante da língua que a criança se apropria dela, tem seu desenvolvimento psíquico e a constituição de sua subjetividade.

Desse modo, percebemos que há diferenças entre o trabalho do IS e PB, pois cabe ao professor bilíngue de Libras ser o verdadeiro responsável pelos processos de ensino-aprendizagem, enquanto que o instrutor surdo tem como foco a apropriação da língua de sinais pelos alunos. Segundo Santos e Gil (2012, p.61) “o instrutor surdo é um educador

que deve trazer para o espaço escolar os valores, aspectos culturais, emoções e percepções da ótica da pessoa surda; além disso, ele é o representante da língua e cultura surda no espaço escolar.”

Em relação ao professor bilíngue, cabe a esse ser responsável pelo ensino dos conteúdos escolares, adaptações do currículo e ensino do português enquanto segunda língua. Segundo Formagio e Lacerda (2016, p.193) “pode-se inferir então que o papel do professor bilíngue é: lecionar em Libras os conteúdos do currículo, ensinar Libras como L1 e ensinar português como L2”.

Percebe-se, assim, que ambos os trabalhos se diferenciam, mas são complementares um ao outro. De acordo com a fala da PB, percebe-se que para que o ensino se dê com qualidade, é necessário que haja a parceria entre o professor bilíngue e o instrutor surdo, pois a presença de ambos se caracteriza enquanto principal elemento para a aquisição da Libras e português escrito. Além disso, através da parceria entre instrutor surdo e professor bilíngue é possível ofertar um ensino que seja elaborado para as especificidades linguísticas, culturais e que desperte a curiosidade dos alunos surdos.

### 5.3 A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA

Entende-se que a família é a primeira instância socializadora da criança, dessa forma, é primeiramente junto de sua família que a criança aprende os valores éticos e morais necessários para a vida em sociedade. Da mesma forma, percebe-se que a escola também tem como característica promover a socialização de seus alunos, além de realizar os processos de ensino-aprendizagem. Portanto, a relação escola-família é de extrema importância, pois ambas cumprem o papel complementar na educação e desenvolvimento das crianças.

Em relação à entrevista realizada com a PB e o IS, ambos ressaltaram a grande importância da relação escola-família e pontuaram que muitas das dificuldades existentes em seu trabalho se referem a tal relação. Apesar de nenhuma das perguntas realizadas durante a entrevista ter tido como foco a relação entre escola-família, ambos participantes relataram a importância e dificuldades desta, dessa forma, percebemos a relevância do tema e o discutiremos a seguir enquanto última análise da entrevista realizada.

Compreende-se que para um desenvolvimento integral da criança, é necessário que escola e família estejam integrados, pois:

[...] é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Assim, percebe-se que os processos de ensino e aprendizagem permeiam não só o âmbito escolar, como também demais esferas e portanto, apesar de a família ter papel distinto da escola, essa também tem o dever de garantir que ocorram os processos de ensino e aprendizagem. Segundo a PB, a relação entre escola e família é um dos maiores desafios existentes no espaço escolar:

*(...)A família e a escola. Acho que é um dos maiores desafios, sabe? Se você tem uma família participativa, a escola flui melhor. E você quer cobrar aquilo dos pais, você quer que os pais sejam presentes....Mas tem a aceitação, tem a parte psicológica da família em entender que aquele filho, não veio do jeito que ela queria. E isso é um processo...É um processo até essa mãe, esse pai entender que essa criança vai aprender com a língua de sinais e que o português vai acontecer, mas eles querem que essa criança chegue aqui na escola com 4 e 5 anos, que é a idade que eles estão chegando e que já saibam o nome, já saibam as cores...E isso sem ter uma língua para embasar. (...) Acho que um dos maiores desafios não está dentro da sala de aula...Olha que interessante! O desafio está na aceitação da família, tá na comunicação um com o outro...Igual nós falamos assim “Mãe, pai...O português, a fala, está no mundo todo mas a Libras está dentro da escola e se você quiser, tá com você também.” Então na verdade, é uma conquista, a gente tem que conquistar os pais, para as crianças terem o direito da língua...Olha que interessante é essa conquista, sabe? Então na verdade, o maior desafio é esse...A aceitação. (PB)*

Compreende-se que quanto maior a participação da família junto à escola, maiores são as chances de desenvolvimento e aprendizagem da criança; além disso, a união entre escola e família auxilia no processo de desenvolvimento de responsabilidade e autonomia da criança. No entanto, em relação às crianças surdas há todo um processo de aceitação e entendimento das especificidades da criança pela família, pois estas sofrem o impasse acerca de qual língua desenvolver junto de seus filhos, problemática esta que não ocorre em relação às crianças ouvintes, as quais têm a aquisição da língua oral de modo natural em contato com seus pares.

Normalmente, pais e filhos compartilham da mesma modalidade de comunicação e estes vão adquirindo e desenvolvendo a língua de modo natural, no cotidiano das relações. Já as famílias ouvintes de sujeitos surdos precisam assumir uma postura ativa de buscar meios para se comunicarem, os quais fogem do convencional. Dessa forma, além da responsabilidade de cuidar do bebê, educar e favorecer o desenvolvimento, as famílias também são convocadas a viver e conviver com essa diferença linguística, que

implica“[...]adquirir uma nova modalidade de comunicação e compreender seus processos, proporcionando à criança surda uma experiência de língua necessária para seu desenvolvimento[...]” (SOUZA, 2018, p.73 apud CAPELLINI, SANTOS, 2020, p.05)

Segundo Vygotsky (*apud*. COSTA, 2006) o ser humano tem a capacidade de criar processos adaptativos superando, dessa forma, os impedimentos que possui. No entanto, tal superação só acontece em interação com o meio e com outros sujeitos. Portanto, é necessário e importante que a família compreenda a diferença linguística de seu filho e desmistifique a compreensão desta enquanto deficiência.

Através da fala da PB, percebemos também a dificuldade da compreensão da família sobre a aquisição do português pela criança surda. Nota-se que a maioria das crianças surdas são oriundas de famílias ouvintes, dessa forma, não há em âmbito familiar o compartilhamento de uma mesma língua, o que resulta, dessa forma, em uma barreira comunicacional.

Segundo Vygotsky (1934), é através do contato com pares de seu grupo social que a criança se constitui em sujeito sócio-histórico, ou seja, é através do contato entre pares que a criança adquire a linguagem e se apropria dos conhecimentos e conceitos existentes. No entanto, sem o compartilhamento de uma língua, há defasagem no desenvolvimento da criança surda. Assim, é em âmbito escolar que a criança irá ter contato com a língua de sinais, desenvolverá sua identidade e cultura, além de se desenvolver plenamente. Segundo o IS:

*(...) Algumas famílias optaram por fazer o implante coclear porque acreditam na oralização. Acreditam que os filhos vão poder falar. E então eu explico que isso é um engano, digo que é melhor aprender o português escrito juntamente com a Libras e os dois se desenvolverão juntos e através disso, compreenderão a oralização...Dessa forma é possível. Porque os dois estarão alinhados...Eu falo para as famílias terem calma e que quando a criança crescer, é possível desenvolver a oralização, mas as famílias não têm paciência com o aprendizado da Libras. É complicado N/É? Essa é uma polêmica: Oralização versus Libras. (IS)*

Através da fala do IS percebemos a família enquanto instância responsável pela educação de seus filhos, ou seja, ela é a responsável por optar a respeito da forma como a criança será educada: através da Libras ou Oralização. Compreende-se, então, a importância de tal escolha, pois essa influenciará o modo como a criança se apresentará à sociedade e influenciará sua compreensão de mundo.

Contudo, algumas famílias não compreendem a importância da língua de sinais, dessa forma, não estimulam seu aprendizado e não compartilham dessa língua, acreditando que o aprendizado do português oral será mais relevante para a criança surda.

Através da fala do IS nota-se que a aprendizagem da Libras não prejudica a aquisição da oralização do português, pelo contrário, o ensino da Libras auxilia na compreensão do português escrito enquanto segunda língua e até mesmo de sua oralização.

Segundo Vygotsky (apud. Shultz, 2016) a linguagem não se restringe apenas a comunicação, esta é muito mais complexa, pois auxilia nos processos de compreensão e constituição do pensamento. Para Bakhtin a língua “é o elo [...] entre o psiquismo e a ideologia, que formam uma relação dialética indissolúvel” (GOLDFELD, 2002, p. 20). Compreende-se, assim, que através do aprendizado da língua de sinais a criança pode se desenvolver integralmente e ter a aquisição da língua portuguesa também.

Desse modo, segundo Cappellini e Santos (2020) é importante que a escola busque momentos de formação para com os familiares a fim de propor a estes o aprendizado da língua de sinais, a compreensão das dificuldades comunicacionais existentes e reflexões acerca a surdez e relação para com ela, tendo como objetivo que os familiares a compreendam e a ressignifiquem. Sabe-se que existem grandes dificuldades na relação entre escola e família, contudo, é necessário que a escola esteja preocupada em estreitar laços para com a família, promovendo sempre um diálogo com esta, a fim de objetivar o verdadeiro aprendizado e desenvolvimento integral da criança surda.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a pesquisa realizada pode-se compreender através da perspectiva de Vygotsky a linguagem enquanto um fato social, a qual foi historicamente construída pelo homem, desse modo, têm, portanto, grande importância no desenvolvimento do pensamento e na aquisição de conceitos. Assim, percebe-se, segundo sua teoria, que a criança deve ter a aquisição de sua língua através do contato entre pares, experiências e interação para com o mundo.

A pesquisa realizada teve por objetivo compreender como acontece o desenvolvimento da linguagem da criança surda a partir da perspectiva de dois profissionais, sendo eles o instrutor surdo e professor bilíngue de Libras, a qual utilizou-se de uma abordagem qualitativa e teve como objeto de pesquisa um estudo de caso, caracterizado por entrevistas semi-estruturadas. O contexto das entrevistas buscou compreender junto aos profissionais quais são as diferenças entre seus trabalhos e como estes auxiliam no desenvolvimento da linguagem da criança surda.

Nesse sentido, percebeu-se a importância da educação bilíngue para surdos enquanto modalidade de ensino, a qual é garantida pela Lei 14.191/2021 e preconiza que os alunos surdos tenham acesso ao ensino pautado na Língua Brasileira de Sinais e em sua cultura. Defende-se que os educandos surdos tenham contato com o ensino bilíngue desde tenra idade, a fim de se apropriar da língua de sinais e ter um aprendizado e desenvolvimento equânime ao de educandos ouvintes.

Para que esse ensino aconteça com qualidade, é necessário que a escola esteja organizada tanto estruturalmente quanto metodologicamente, além de ter profissionais capacitados para atuarem na área. Através da entrevista, pode-se perceber que ambos profissionais auxiliam nos processos de aquisição de linguagem pela criança surda, porém, tendo funções diferentes.

O instrutor surdo de Libras tem como função ensinar a língua de sinais e elementos próprios da cultura e identidade surda, sendo assim, esse profissional é o adulto de referência para os educandos surdos, pois estes ingressam na escola muitas vezes sem uma língua estruturada. Dessa forma, compreende-se a grande importância de sua presença no espaço escolar.

O professor bilíngue de Libras, tem papel diferente, pois tem todas as atribuições de um docente, somado à responsabilidade de ofertar um ensino de qualidade em uma língua que não é sua primeira língua, e ensinar o português na modalidade escrita.

Percebe-se que a parceria entre os profissionais é essencial para que aconteça um aprendizado efetivo e desenvolvimento pleno da criança surda, pois percebe-se que as crianças surdas que ingressaram na escola sem uma língua efetiva, têm contato com ambos profissionais e assim, apresentam um enorme desenvolvimento através da apropriação da língua de sinais. Assim, através da entrevista realizada com os profissionais, percebe-se que os alunos da educação infantil já têm a aquisição de conceitos e conseguem se expressar através da Libras.

Nota-se, portanto, o âmbito escolar enquanto espaço central para o desenvolvimento de linguagem da criança surda, pois é através das relações que ali acontecem que as crianças têm seu desenvolvimento psíquico, além do contato com seus semelhantes e um ensino voltado para todas as suas especificidades. Da mesma forma, é nesse espaço que a criança adquire desde tenra idade sua identidade e cultura surda, elementos esses fundamentais para a sua compreensão e representação no mundo.

Contudo, percebe-se que, apesar da relevância do instrutor surdo e do professor bilíngue, ainda faltam políticas públicas que assegurem a presença desses profissionais em escolas com propostas bilíngues. Conforme citado nas entrevistas, especialmente pelo instrutor surdo, esses profissionais são “emprestados”, ou seja, estão alocados temporariamente neste espaço para atendimento das demandas e qualquer mudança política pode colocar fim à atuação deles. Por esta razão enfatizamos a necessidade da abertura de concursos públicos e a criação de leis municipais que assegurem a presença deles nas escolas ditas bilíngues.

Outro fator importante percebido através da entrevista se refere às famílias, sendo esta relação com a escola o maior desafio de ambos profissionais. Assim, conclui-se que esta é essencial para o desenvolvimento da criança surda. A escola e a família devem operar conjuntamente objetivando a aprendizagem e desenvolvimento da criança surda, tendo assim, a função complementar uma da outra. Contudo, como mencionado na entrevista, algumas famílias não participam ativamente dos processos de ensino e aprendizagem e também, não possuem a língua de sinais, desejando que seus filhos aprendam o português oral sem, contudo, considerar que a Libras é mais acessível às crianças surdas. Percebe-se, desta maneira, que se houvesse maior participação e auxílio das famílias, o desempenho das

crianças poderia ser ainda maior. A escola poderia, visando este estreitamento das relações, propor ações que aproximassem as famílias da Libras e das questões de desenvolvimento das crianças, por meio de grupos de ensino de Libras ou mesmo grupos para trocas de experiências e relatos entre famílias.

Dessa forma, a presente pesquisa buscou compreender como se dá o desenvolvimento da linguagem da criança surda através da perspectiva de dois profissionais bilíngues que atuam diretamente nos processos de ensino e aprendizagem da criança surda. Conclui-se que há o desenvolvimento da linguagem pela criança surda, mas há ainda desafios presentes dentro do espaço escolar, os quais devem ser superados, a fim de auxiliar em uma aprendizagem e apropriação de língua de forma efetiva. Percebe-se, enquanto um desafio, a formação dos profissionais bilíngues para trabalhar com crianças surdas durante o processo de aquisição de linguagem, pois sabe-se que tal formação ainda é incipiente.

Sabe-se, contudo, que o tema explorado não se esgota nesta pesquisa, tendo lacunas ainda a serem exploradas tais como a formação do professor bilíngue e os desafios presentes quanto à participação familiar e sua relação frente à aceitação da surdez.

Conclui-se que a presença de profissionais bilíngues fluentes na língua de sinais e com conhecimentos na área da surdez é de extrema importância para a apropriação da língua pela criança surda. Dessa maneira, a presente pesquisa traz contribuições para a compreensão dos processos de aquisição de linguagem pela criança surda e também sobre os diferentes papéis exercidos pelo professor bilíngue e instrutor surdo dentro da instituição bilíngue. Assim, a pesquisa mostra-se relevante não somente para a comunidade científica e acadêmica, como também traz grandes contribuições para os profissionais da educação e familiares de crianças surdas.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, A. Professor Bilíngue Para Surdos: Análise da Prática de Letramento por Meio da Autoconfrontação / Adriana Fernandes Barroso. . p. 109, 2018

BAKHTIN, M. (Voloshinov, 1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53]

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de abril de 2002.

BRASIL. Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021. Dispõe sobre a modalidade de Educação Bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 de agosto de 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 de julho de 1990.

CAPELLINI, M. T; SANTOS, L. F dos. As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações. **Revista Educação Especial**, vol. 33, 2020, -, pp. 1-23 Universidade Federal de Santa Maria Brasil

CASTORINA, J. A.; BAQUERO, R. J. **Dialética e Psicologia do Desenvolvimento: o pensamento de Piaget e Vygotsky**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2009

CASTRO, R. G. **Libras: uma ponte para comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos**. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1999.

COSTA, D. A. F. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a Educação Especial. **Pepsic**. São Paulo, vol. 23, n.72, 2006.

CORRADI, J. A Importância no Aprendizado do Aluno Surdo sob a Mediação do Instrutor Surdo. **Revista Diálogos e Saberes**: v.08, n.01, 2012. Disponível em: <[http:// A importância no aprendizado do aluno surdo sobre a mediação do instrutor/surdo surdo | Corradi | Revista Diálogos & Saberes \(fafiman.br\)](http://A%20import%C3%A2ncia%20no%20aprendizado%20do%20aluno%20surdo%20sobre%20a%20media%C3%A7%C3%A3o%20do%20instrutor%20surdo%20surdo%20|%20Corradi%20|%20Revista%20Di%C3%A1logos%20&%20Saberes%20(fafiman.br))> Acesso em 25 out. 2021.

FERNANDES, S. **Educação de surdos**/Sueli Fernandes -- 2d.Atual.-Curitiba, pex, 2011.

FIRMAN, A. J.; SANTANA, R. C. S.; RAMOS, L. M. **A importância da família junto a escola no aprendizado formal das crianças**. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v.12, n.03, p. 123-133, jul./set. 2015

FLORÊNCIO, R.; MOREIRA, M. As Contribuições de Vygotsky aos Estudos sobre Linguagem das Crianças. **Cadernos Cajuína**, v.05, n. 01, 2020, p.113-126. Disponível em: <AS CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY AOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM DAS CRIANÇAS | Florêncio | Cadernos Cajuína (cadernoscajuina.pro.br)> . Acesso em: 20 out. 2021

GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.27, n.94, jan/julho, 2006.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

LACERDA, C.; SANTOS, L.; MARTINS, V. (org.). **Escola e diferença**: Caminhos para a educação bilíngue de surdos. São Carlos, EdUFSCar, 2016.

LACERDA, C.; ALBRES, N.; DRAGO, S. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v.39, n.01, 2013, p.65-80.

LACERDA, C. B. F.; GOÉS, M. C. R. A Educação Infantil e o processo de construção da condição bilíngue pela criança surda. In: **Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste**, 8, 2007, Vitória. Anais, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. p.1-9. CD-ROM

LODI, A. C. B.; LACERDA, Cristina B. F. et al. **Uma escola, duas línguas**: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização - 4. ed. - Porto Alegre: Mediação, 2014.

LODI, A. C. B. A leitura em segunda língua: práticas de linguagem constitutivas da(s) subjetividade(s) de um grupo de surdos adultos. **Cadernos Cedex**, Campinas, v.26, n.69, p.185-204, mai./ago. 2006.

LODI, A. C. Educação Bilíngue para Surdos e Inclusão Segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto 5.626/2005. **SciELO Brasil**, 2013. Disponível em: <SciELO - Brasil - Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05 Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05>. Acesso em: 25 out. 2021

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. Família e criança surda. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v.5, n.1, p.98-107, jan-abril 2006.

RIOS, J. A. A Constituição do Sujeito de Linguagem: entre “Eu” e o “Outro”. **Revista da FAGED**, Bahia, v.09, p.01-16, 2005.

ROCHA, D.; DAHER, M.; SANT'ANA, V. **A Entrevista em Situação de Pesquisa: Reflexões numa perspectiva discursiva**. Rio de Janeiro, 2004.

SÁ, Nidia Regina Limeira de Org. **Surdos: Qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHUTZ, R. *Vygotsky & Language Acquisition*. 2016. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-vygot.html>. Acesso em: 27 de agosto. 2022

VEÇOSSO, C. E. O interacionismo sociodiscursivo e suas bases teóricas: Vygotsky, Saussure e Bakhtin (Volochinov). **Linguagens e Cidadania**, v.16, jan/dez. 2014. Disponível em: <[http://O interacionismo sociodiscursivo e suas bases teóricas: Vygotsky, Saussure e Bakhtin \(Volochinov\) | Veçossi | Linguagens & Cidadania \(ufsm.br\)](http://O interacionismo sociodiscursivo e suas bases teóricas: Vygotsky, Saussure e Bakhtin (Volochinov) | Veçossi | Linguagens & Cidadania (ufsm.br))>. Acesso em: 20 out. 2021.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo, Ícone, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1936.

VYGOTSKY, L. S. Problemas de método. In: **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto, Solange, C. Afeche. 3. Ed. São Paulo Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madri: Visor, 1996.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**O desenvolvimento da criança surda sob a perspectiva de profissionais bilíngues: um estudo de caso**”, sob a responsabilidade da aluna do curso de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Português, Bianca Aparecida Medeiros, e sob a orientação da pesquisadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lara Ferreira dos Santos, docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Essa pesquisa terá como objetivo geral compreender como se dá o desenvolvimento da criança surda a partir do discurso de diferentes profissionais: instrutor de Libras e professor bilíngue. E como objetivos específicos compreender o trabalho do Instrutor de Libras e o Professor Bilíngue; analisar a diferença existente no trabalho desses profissionais e compreender como acontece o desenvolvimento da criança surda a partir do trabalho de ambos profissionais.

Essa pesquisa tem grande relevância, pois compreende que a maioria das crianças surdas ingressantes na Educação Infantil são filhas de pais ouvintes, as quais, muitas vezes, se comunicam através de gestos ou mímicas, pois não possuem a aquisição de língua alguma. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o desenvolvimento da criança surda a partir do discurso de dois profissionais bilíngues: instrutor de Libras e professor bilíngue, profissionais importantes no processo de aquisição de língua da criança surda. Verifica-se, portanto, a importância desse projeto, o qual contribuirá para a compreensão do desenvolvimento da criança surda, contribuirá para a compreensão do trabalho dos docentes inseridos no contexto bilíngue, além disso, contribuirá em muito para os estudos na área da Surdez.

Você foi selecionado(a) para participar da pesquisa, pois faz parte da população escolhida para a mesma, que se trata de Instrutores de Libras e Professores Bilíngues. Sua participação deverá ser voluntária e não é obrigatória. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Você poderá interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, anulando o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sem prejuízos. A sua recusa em participar da pesquisa não envolverá prejuízos ou comprometimentos na relação com a pesquisadora ou com a instituição responsável. Para garantir sua segurança, você terá acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as perguntas, para

uma tomada de decisão informada. O acesso às perguntas somente ocorrerá depois que tenha dado o seu consentimento.

Esta pesquisa envolve os seguintes procedimentos: pesquisa de abordagem qualitativa com método de estudo sendo um estudo de caso o qual contará com uma entrevista semi-estruturada realizada de modo *online* com um professor surdo e um professor bilíngue que atuam em uma sala de educação infantil, em uma escola municipal regular, com programa de educação bilíngue para surdos. Através da entrevista, serão feitas análises para a compreensão acerca do desenvolvimento da criança surda a partir do trabalho dos dois profissionais entrevistados. Solicito sua autorização para gravar a entrevista.

A sua participação, portanto, consistirá em realizar esses procedimentos. Você tem o direito, durante a realização da entrevista, de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento. Os possíveis riscos envolvidos na pesquisa durante a realização da pesquisa estão relacionados ao conforto dos participantes e os possíveis constrangimentos. Para amenizar essas possibilidades algumas medidas serão tomadas: cancelamento imediato da entrevista se o participante assim o solicitar; desvinculação da pesquisa a qualquer momento, se o participante desejar; reagendamento da entrevista em caso de quaisquer desconfortos ou mesmo imprevistos (como queda de energia ou da rede de internet). Caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores.

A entrevista será individual e realizada no próprio local de trabalho ou em outro local, se assim o preferir. As gravações realizadas durante a entrevista semiestruturada serão transcritas pela pesquisadora e por mais um profissional experiente nessa ação, garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível. Depois de transcrita será apresentada aos participantes para validação das informações.

As informações e resultados obtidos por meio dessa pesquisa serão informados a mim e poderão se tornar públicos, mediante a publicação de relatórios e trabalhos científicos, sem que a minha identidade seja revelada. Os dados coletados serão tratados de forma sigilosa, assegurando o anonimato e a não identificação dos participantes, sendo utilizados nomes fictícios. O arquivo de gravação da entrevista será utilizado apenas para fins da pesquisa, não será exposto nem parcial e nem integralmente em nenhum momento. Seu armazenamento será realizado em arquivo digital a ser gravado/arquivado em um HD externo, e não será armazenado em *nuvem* ou qualquer plataforma digital; os *downloads* também serão apagados do computador utilizado, permanecendo apenas a cópia no HD externo.

O termo será encaminhado para o e-mail do participante, que deverá realizar a assinatura do mesmo de forma digital, e enviá-lo ao pesquisador. Receberei uma cópia deste termo, no qual deverá constar o nome, o telefone e o endereço do pesquisador principal para que eu possa tirar eventuais dúvidas sobre o projeto, além do nome, telefone e endereço da orientadora dessa pesquisa. Poderei solicitar tais esclarecimentos a qualquer momento ou em qualquer fase da pesquisa. Ressalta-se a importância de o participante guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e concordo com**

**a participação do menor sob minha responsabilidade.**

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

São Carlos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Participante da pesquisa:

---

Nome

---

Assinatura

| Pesquisadora responsável  | Orientadora da pesquisa  |
|---|--|
| <p data-bbox="357 264 719 297">Bianca Aparecida Medeiros</p> <p data-bbox="284 338 767 517">Graduanda do curso de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Português da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)</p> <p data-bbox="284 629 571 663">TEL: (16) 997228760</p> <p data-bbox="284 674 384 707">E-mail:</p> <p data-bbox="284 719 730 752"><a href="mailto:bianca.medeiros9641@gmail.com">bianca.medeiros9641@gmail.com</a></p> | <p data-bbox="847 264 1289 297">Profª Drª Lara Ferreira dos Santos</p> <p data-bbox="804 349 1310 607">Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)<br/>Endereço: Rod. Washington Luís<br/>km 235 - SP-310 - São Carlos<br/>CEP 13565-905.</p> <p data-bbox="804 663 1082 696">TEL: (16) 3306-6464</p> <p data-bbox="804 707 1294 741">E-mail: <a href="mailto:larasantos.ufscar@gmail.com">larasantos.ufscar@gmail.com</a></p> |

## APÊNDICE

Entrevista semi-estruturada para Professor Bilíngue e Instrutor Surdo

NOME:

IDADE:

FORMAÇÃO:

TEMPO DE ATUAÇÃO NESTA ESCOLA:

1. Descreva qual é sua função na escola e como é seu trabalho no cotidiano.
2. Quantas crianças surdas você atende na educação infantil?
3. Quais são os desafios diários da profissão?
4. Como é o conhecimento de Libras das crianças surdas desta escola? Explique.
5. Pensando na criança surda filha de pais ouvintes, quais e como são os processos para o ensino da Língua de Sinais e dos conteúdos regulares ?
6. Como você lida com os diferentes níveis de conhecimento das crianças no ensino em grupo?
7. Qual a importância da Libras no desenvolvimento da criança surda?
8. Qual o **seu** papel no desenvolvimento da criança surda?
9. Quais são os maiores desafios no processo de aprendizagem dos alunos surdos?
10. Quais são as estratégias utilizadas para o ensino?
11. Qual a diferença entre o trabalho do Instrutor Surdo e do Professor Bilíngue?
12. O que ainda necessita avançar em relação ao ensino das crianças surdas?